

## LITTERATURA

## INCORRIGIVEL

A igreja ficava perto. D. Leocadia vestiu-se e dirigiu-se para lá.

Quem visse essa bella viuva de trinta e dous annos, magra, alta, corada, sem nenhuma côr de tristeza no aspecto, menos ainda de ascetismo, muito adornada de rendas, que, posto que róxas, pareciam feitas para a mais virginal das creaturas, — não acreditaria que ella ia buscar á igreja, não digo uma consolação, que é pouco, mas um refugio e uma força.

Pois ia. Meia hora antes tinha recebido uma carta de outra pessoa, moça de vinte e sete annos e solteira. A carta era de colera e produziu colera. Pelo assumpto? Não; não era pelo assumpto, que não passava de um simples desaccordo sobre não sci que historia de theatro lyrico. Então, pelos termos? Entendamo-nos, os termos eram duros, mas não eram a causa. A causa jazia em ambas, eram os bellos olhos de um cavalheiro que ambas cobriavam e que as cortejava ao mesmo tempo. Nenhuma dellas o declarou nunca á outra; mas ambas sentiam-se inimigas. Uma e outra pegaram do primeiro pretexto que lhes ficou á mão, e trocaram muitas palavras cruas e decisivas.

A ultima carta de D. Leocadia era da vespera, e trazia cousas extraordinarias. Candinha gastou uma noite inteira em meditar o que lhe diria e compôz uma epistola por modo singular, tomando nota das palavras que lhe iam lembrando; e só depois de ter um arsenal dellas é que pôz a penna no papel. Para que transcrever a carta? Seria então necessario e equitativo transcrever a outra, e depois outra e mais outra, e não acabavamos mais; acrescentando que o objecto deste escripto não é especialmente esse.

O que importa saber é que D. Leocadia recebeu a carta, e ficou allucinada. Fez, só consigo, mil desatinos, mordeu o lenço, quebrou um vaso, bateu com o pé, feriu o ar com punhadas, e afinal, quando não podia mais, desatou a chorar. As lagrimas allivaram-lhe o coração, mas não o libertaram inteiramente da afflicção que o agitava, nem ainda menos lhe tiraram da cabeça a memoria da rivalidade da outra.

Já daqui se adivinha que ella amava muito ao rapaz anónimo, objecto de tanta indignação. Ou, se o não amava muito, é certo que queria casar com elle, o que vinha a dar na mesma. Entretanto, não era só amor que ella trazia em si, — ou só amor humano. D. Leocadia era um composto de curiosidades terrenas, e muita devoção. Tinha a devoção sincera, real e profunda, filha não só da educação, mas do proprio temperamento della. Nos momentos de crise, D. Leocadia pensava no ceu, e corria para elle.

Foi o que fez agora. Vestiu-se e foi para a igreja. Era a hora da missa, e havia algumas pessoas, não muitas; senhoras poucas. Ainda assim, para que não a distrahissem, correu o veu pelo rosto, e foi ajoelhar-se a um canto.

D. Leocadia rezou fervorosamente; pediu a Deus paz do coração. Não pediu o perdão das culpas, porque em si mesma achava que não as tinha, e já isso era uma rebeldia; mas havia mais. A prece foi atalhada, em alguns pontos, por máus pensamentos. Os termos ruins da carta de Candinha resoavam-lhe no espirito, d'onde se podia ver que não esquecera nada. Não admira que não achasse toda a consolação que viera procurar.

Acabou de rezar e sentou-se. No momento em que, levantara um pouco o veu para fazer o signal de cruz, duas outras senhoras, que estavam defronte, viram-lhe parte do rosto, e uma pareceu conhecê-la.

— E' ella! exclamou. Não lhe dizia?

— Sim, parece que é.

— Não ha duvida; vi agora a cara. Você já sabe do negocio?

— Que negocio?

— O negocio do Reginaldo.

— Não.

— Não?

— Que Reginaldo? O primo da Candinha?

— Sim, esse mesmo. Você sabe que a Candinha gosta delle, e elle faz-lhe festas. Pois a Leocadia parece que tambem anda namorada.

— Tambem?

— Dizem todos, e parece mesmo que já as duas não andam em boa harmonia; o que eu estimo bem.

— Porque?

— Não posso supportar esta Leocadia; parece creança. Você sabe o que ella me fez, não sabe? a tal senhoria da chacara...

Era uma questiuncula a proposito de uma chacara, pretendida por ambas. Não conto a versão desta senhora, por que seria preciso contar a da outra, e então ia longe, ou não dizer senão uma, o que seria injusta. Fiquemos aqui. A verdade é que as duas não andavam bem; e, com quanto se fallassem, detestavam-se.

D. Leocadia não olhava para ellas; olhava para o ceu. Verdadeiramente era para o ceu. Sentada no banco, á espera que a missa começasse, tinha o coração nas mãos de Deus; encontrára a paz. A corda mystica vibrava fortemente, e toda a terra estava aniquillada. D. Leocadia já não pensava mesmo no namorado, menos ainda na rival. Com os olhos no altar, via a imagem de Christo, e nutria-se daquelle sangue.

Entretanto, a missa demorava-se; e D. Leocadia olhou em volta de si. Viu as duas outras damas, e conheceu-as. Passou-lhe um frio pela espinha. Uma daquellas, a da chacara, tambem olhou para ella, e parece que com alguma cousa no rosto que não agradou á outra; pôde ser tambem que não fosse nada. D. Leocadia, porém, que a detestava não pôde deixar de fital-a com um gesto de desprezo. Posto que tivesse o rosto coberto, deu á cabeça um certo movimento, que fez adivinhar a expresssão da physionomia; e foi então que a outra correspondeu de igual maneira.

A missa demorava-se; mas o odio, o despeito, os interesses mesquinhos trabalhavam antes della, e o coração de D. Leocadia foi perdendo a paz. Ella recordou tudo, tudo, as palavras que a outra dissera della, o mal causado, as raivas engolidas, e o clangor da guerra accordou todas as fibras daquelle organismo.

Se a missa viesse! Mas a missa demorava-se, nem padre, nem Deus, nada; era só e sómente a rival, que fallava em segredo para a outra, olhava depois para Leocadia, ora sorrindo, ora indifferente, ora com um gesto de fastio... Fastio porque? D. Leocadia tremia de raiva. Não podia ir ter com ella, nem queria; entretanto, a raiva ardia-lhe no coração. Tinha impetos, que suffocava, e olhava para outro lugar, para a port. da sacristia, a ver se o padre...

Mas a missa não vinha. D. Leocadia gastava tres, quatro minutos, sem olhar para ellas. Depois, vinha-lhe um certo desejo de ver se ainda a fitavam, e pouco a pouco, disfarçadamente, voltava a cabeça. Dava com ellas, que faziam a mesma cousa, e o coração sangrava-lhe aos golpes de uma unha invisivel... Pobre incorrigivel! era a unha do diabo. Levantou-se exaltada, e sahiu pela porta fóra. Não achava a paz, porque a guerra estava nella perpetuamente.

\*\*\*

## POESIA

## O MONGE

„ O coração da infancia “, eu lhe dizia,  
E' manso... Elle me disse: — „ Essas estradas,  
Eu quando, outro Eliseu, as percorria,  
As crianças lançavam-me pedradas... “

Fallei então na gloria e na alegria...  
E elle — de barbas brancas derramadas  
No burel negro — o olhar sómente, erguia  
A's céculas regiões illimitadas...

Quando eu, porém, fallei no amor, um riso  
Rápido, as faces do impassivel monge  
Illuminou!... Era o vislumbre incerto,

Era a luz de um crepusculo indeciso  
Entre os clarões de um sol, que já vae longe,  
E as sombras de uma noite, que vem perto...

RAYMUNDO CORRÊA.

## ERROS E PRECONCEITOS

ANTIPODAS. — Anti, odas é uma palavra composta de duas palavras gregas que significa *pé contra pé*

Platão, que vivia no 5º seculo antes de Jesus Christo, teve suspiços de sphericidade da terra; é o primeiro escriptor que fallou nos antipodas. Até o 16º seculo os sabies recusaram-se a dar-lhe credito. Só depois da descoberta de

Colombo e mormente após a viagem de circumnavegação que de 1519 a 1522 fez Magalhães, é que se começou a crer na verdadeira fórma de nosso planeta.

Facil é comprehender que sendo redonda a terra, cada ponto tem o seu antipoda o qual determina-se suppondo-se uma linha que atravessa o globo passando pelo seu centro; dois homens collocados em cada extremidade d'essa linha têm os pés oppostos um ao outro. Não se deve porém inferir d'ali que um d'elles tenha a cabeça voltada para baixo. O phenomeno da antipodia, singular á primeira impressão, comprehende se facilmente se tivermos em conta as leis do peso: os corpos cahem sobre a terra e ali permanecem pelo effeito da attração que este exerce sobre aquelles em virtude da sua massa. Uma mosca caminhando sobre o tecto ou antes sobre uma bola pôde dar-nos uma idéa da acção que o nosso planeta tem sobre os objectos que a cobrem. Essa acção constante tem nome *força centripede* (solicitada pelo centro). As palavras *cima* e *baixo* apenas tem significação em relação á terra que sempre está necessariamente debaixo dos nossos pés.

Considera-se antipodes os paizes situados sob parallelos ao equador, em distancia igual a esse circulo e nas extremidades de um mesmo diametro.

Os antipodas do Rio de Janeiro acham-se situados no oceano entre a ilha Formosa e a do Japão.

Nos paizes antipodas o frio e calor são semelhantes, mas as noites e dias são contrarios bem como as estações; de fórma que quando é meia noite e inverno em um antipoda é meio dia e verão no outro.

AVESTRUZ. — E' um erro acreditar-se que essa ave digere o ferro e outros metaes. Como é muito gulosa, engole sem dar-se tempo a examinar, tudo que lhe cahe sob o bico e isso sem incommodo, porque a natureza dotou-a de um estomago robustissimo.

BERÇO — O uso de balançar as crianças é mau, porque os movimentos que se imprime ao berço podem ser bruscos e dar lugar a perturbações no cerebro que serão nocivas para a sua intelligencia. O somno é tão natural na creança que a não serem os maus habitos que se lhe dá, ella não necessita de estimulante.

BALÊA. — O vulgo geralmente considera a balêa como um peixe em razão da sua fórma exterior, dos seus habitos e da sua constante permanencia no mar. E' um erro, a balêa é um mamifero, isto é, um animal que aleita os seus filhos.

Não põe ovos nem respira pelos bronchos como os peixes, fazendo-se essa ultima função por pulmões verdadeiros, o que obriga-a a vir a tona d'agua para tomar o ar necessario á respiração. A sua garganta é muito estreita, razão pela qual apenas pôde engolir pequenos animaes marinhos. A balêa fornece á industria excellente oleo e as barbatanas com as quaes se fazem as varetas de guarda chuva, bengalas, varas de espingarda, guarnição de espartilhos, etc.

A. R

## VARIEDADE

## OS HOSPEDES

Havia muitos annos já que eu não tinha noticias de meu prime, que, partindo muito moço para França, nunca mais voltára ao berço natal. Nem sequer nos carteavamos; e devo confessar que, por occasião do cerco de Paris, nem uma vez ao menos me lembrára offerecer-lhe um asylo em minha casa. Verdade é que me esquecera totalmente a sua residencia; mas enfim não me seria impossivel saber-o.

N'um domingo á tarde, de volta de Courtrai, detive-me um instante para trocar um aperto de mão com um advogado meu conhecido. Quando sahia, vi um individuo subir para um carro, cheio de malas e embrulhos, e mandar tocar para minha casa.

Dirigi-me a toda a pressa para casa, sem conseguir saber quem era o hospede que me chegava de improvisio. Vi tambem outras pessoas no carro. Bem depressa, porém, foi grande o meu espanto: em frente a minha casa, o cocheiro, ajudado por um moço de fretes, transportava as bagagens para o corredor; o desconhecido da estação e a minha creada tinham entabulado um colloquio animado. Uma senhora e um rapazito, que me não lembrava ter visto nunca, conservavam-se ao lado do desconhecido e pareciam não entender palavra da conversa.



Apenas puz o pé na porta o desconhecido atirou-se-me no pescoço com as maiores demonstrações de alegria que se possam imaginar. Chama-me seu amigo, seu primo; apresenta-me á mulher e ao filho. Reconheco-o então e comprehendi que meu primo, lembrando-se dos nossos laços de parentesco e das nossas antigas relações de amizade fugira de Paris para se refugiar em minha casa.

Devo convir que, á primeira vista, fiquei embaraçado e não sabia o que dissesse nem o que fizesse. Mastiguei algumas palavras de pura cortezia, disse á minha prima que tinha muito prazer em conhecê-la, e desculpei-me como pude por lhes não haver escripto offerecendo-lhes a minha casa.

A senhora disse-me então que seu marido nunca duvidára da minha amizade: estava tão convencido que encontraria em minha casa a mais cordial hospitalidade para si, para sua mulher e seu filho, que nem sequer pensára em prevenir-me da sua chegada.

Puz-me de novo a mastigar e pedi aos meus hospedes que se considerassem como em sua propria casa. Estava envergonhado e contrariado por lhes não haver escripto: comprehendi que os abandonára na desgraça. E' isso, não o posso negar: uma vida solitaria acaba por tornar o homem egoista. Meu primo lembrava-se ainda perfeitamente do tempo em que viviamos junctos: as nossas idéas, as nossas acções e aventuras.

Acabei por accommodar-me com a contrariedade e a surpresa e fiz aos meus hospedes as honras da casa. Meu primo não cessava um instante de fallar: era o mesmo genio alegre e despreoccupado; não o incommodava absolutamente nada a sua posição de fugitivo. A mulher delle fica muito satisfeita ao saber que se pôde acender o fogão do seu quarto, que fica no sobrado. Tenho apenas um quarto para hospedes; mas pôde-se, diz ella, armar no gabinete contiguo uma cama para o Octavio.

Não tarda muito que os meus hospedes se sintam completamente como em sua casa. Durante o jantar, resolve-se que, logo no dia seguinte, eu vá entender-me com o reitor do Atheneu para matricular o Octavio, cujos estudos não devem soffrer interrupção.

A creada e a cosinheira trazem as bagagens para o sobrado e preparam o quarto dos hospedes. Depois do jantar accendo o meu cachimbo enquanto meus primos me descrevem a triste posição de Paris. E a mim não me occorre perguntar a minha prima si o fumo a incommoda! Vejo-a fallar ao ouvido do marido: este, com o sorriso nos labios, diz-me em flamengo e com toda a franqueza:

— Meu primo, insensivelmente te vaes tornando um velho celibatario e vê-se bem que não estás habituado á sociedade de senhoras. Minha mulher não pôde supportar o cheiro do teu cachimbo, e não se atreve a dizer-t'o.

Apaguei o cachimbo e pedi-lhe permissão para accender um charuto e offerecer-lhe um; mas elle não fuma; além disso diz-me que sua mulher fica indisposta todas as vezes que se fuma juncto della. A senhora murmura ainda algumas palavras ao ouvido de meu primo.

— Ella acha improprio, diz-me elle com o seu sorriso habitual, que fallemos n'uma lingua que lhe é desconhecida; porque dessa maneira não pôde tomar parte na conversação.

Recomeçamos a conversar em francez; mas é-me totalmente impossivel esquecer o cachimbo. Finalmente acho um meio que concilia tudo: deixo meus primos na sala de jantar, accendo um charuto e vou passear para o corredor; de vez em quando venho encostar-me á porta, com o charuto atraz das costas. Desse modo consigo reatar o fio da conversa. Que desgraça não é ser um fumante tão obstinado!

O fumo expulsa-me da sala e da minha cadeira habitual, de que eu tanto gosto! E' a melhor da sala, por isso minha prima chama-a logo a si.

Octavio brinca com o meu cão; dá-lhe assucar, pucha-lhe as orelhas, obriga-o a ficar de pé nas patas trazeiras, e arrebeta com riso quando o cão pula para apanhar as gulodices que a creança tira da mesa e levanta no ar. Considerando bem ninguem acreditaria que meus primos são fugitivos sem recursos: não se mostram nada constrangidos e procedem como si estivessem em sua propria casa.

Meu primo informa-se de diversas pessoas de seu conhecimento.

— Como é singular, diz elle, voltar como estrangeiro á terra natal!

No dia seguinte de manhan, proponho-lhe acompanhar-me ao *Café dos Arcades*. Chegados lá, peço dous calices de Madeira: meu primo leva logo a mão ao bolso; eu, porém, não admitto que elle pague, e dou ao *garçon* uma moeda de cinco francos. O *garçon* traz os dous calices de vinho e

põe na salva tres moedas de um franco e duas de cincoenta centimos. Meu primo está de tal modo distraído, tão absorvido nas suas invectivas contra os Prussianos, que péga os tres francos e cincoenta centimos, guarda-os na carteira e faz signal ao *garçon* que fique com o resto.

Como foi que meu primo não reparou que o dinheiro era meu?

A minha casinha de solteiro, tão tranquilla ordinariamente, está em completa revolução! Minha prima desce as escadas cantando, Octavio vae para a escola como si nunca tivesse morado sinão aqui, e meu primo lê os jornaes, escreve cartas ou passeia pelos arredores. Sua mulher recebe muitas cartas ás quaes responde. O meu papel, as minhas sobre-cartas e os meus sellos desaparecem com uma rapidez incrível.

A cosinheira está desesperada porque de manhã tem de fazer café para meu primo, chá para a mulher e chocolate para o filho; e porque de instante a instante a francesinha toca a campainha chamando-a ao quarto. As duas creadas mal podem com o serviço.

Minha prima observa-me que as casas em França têm falta de certas commodidades; a minha casa por exemplo, não tem quarto de banho. Como posso viver sem quarto de banho? Ora ahí está uma cousa que minha prima não comprehende.

As minhas despezas duplicam-se e triplicam-se, o que bastante me inquieta porque os meus rendimentos são escassos. E julgo que a visita de meus primos vai prolongar-se por muito tempo. Além disso, acostumei-os a todos os regalos: não quiz que lhes faltasse a minima coisa; tudo isso, porém, occasiona muitas despezas.

Minha prima raramente acompanha o marido ao passeio.

Entende que é muito agradável ter um carro á porta e diz-me isto com toda clareza, como si eu tivesse um carro e um cavallo. Tomou uma assignatura e sabe quasi todos os dias de carro. Como estão na cidade muitas amigas suas, que vieram igualmente procurar um asylo em casa de seus parentes, não se pôde dizer que minha prima teve uma vida muito solitaria.

Succede ás vezes que uma ou outra pessoa vem queixar-se-me das travessuras de Octavio: assegura-me o visinho que o menino, quando se pilha sózinho, começa a atirar pedras aos vidros da estufa, que fica juncto á sala de jantar. Aborrece-me ter de ouvir semelhantes queixas dos visinhos. Eu mesmo zanguei-me bastante n'um dia em que o menino, a correr, deitou ao chão o meu pote de fumo, de porcellana antiga, pelo qual um judeu me offerecera trezentos francos. Meus primos tambem se zangaram e ameaçaram-o de que para outra vez não iria brincar com os condiscipulos. Essa punição parece-me muito pequena: ignoram talvez que o pote tivesse tanto valor.

Por occasião de um passeio em companhia de meu primo, parámos diante de um mostrador em que estava exposto um magnifico grupo de bronze: uma redução da *Ariana sobre a panthera* de Dannecker. Apontei-lhe todas as bellezas; meu primo não se cansava de o admirar.

— Já apreciei este grupo, disse-lhe eu; mas custa muito caro... e já agora passarei sem elle.

Não podia dizer-lhe que, nestes ultimos tempos, tive de acudir a muitas despezas imprevistas e que era essa a razão que me impedia de comprar o grupo.

Meu primo olhou para mim rindo e disse-me com a sua jovialidade habitual.

— Sabes uma cousa? Estás ficando aváro.

Ri-me do gracejo e encaminhamo-nos para casa.

E porque me era preciso fallar a um amigo meu, disse-lhe que fosse andando.

Quando, uma hora depois, cheguei á casa, vim a saber de uma grande novidade. Meu primo contou-me o que se passára: uma carroça cahira, mesmo defronte da minha porta sobre um aprendiz de alfaiate e quebrára-lhe o braço. Meu primo, compadecido, deu ordem para que transportassem para minha casa a infeliz creança e chamassem um medico. Quanto a tomar nota do numero da carroça, não lhe veio absolutamente á idéa. O medico, formado de fresco, que se estabelecera no meu quarteirão havia apenas quinze dias, correu a toda a pressa. Examinou a fractura e julgou necessaria a amputação immediata de braço. Disse a meu primo que era talvez melhor avisar os paes do aprendiz e levar o ferido para o hospital. Accrescentei que o medico era muito moço e que os cirurgiões do hospital me inspiravam mais confiança.

— Quem sabe além disso si o braço não pôde ser con-

servado? A questão merece um exame serio: para o artista, perder o braço é perder o pão.

Posto concordasse commigo, meu primo disse-me que se devia pôr de lado o hospital; bastaria fallar nisso para aterrorisar o aprendiz e seus paes, e que todos devemos ser humanos.

— Bem se vê que não tens filhos... Si os tivesses, não lembrarias o hospital; mas tu não conheces o coração de um pae... Ouve-me, deixa o rapaz por minha conta, que tudo se ha de arranjar.

Previne os paes do aprendiz, e chamou um dos mais afamados cirurgiões da cidade. O homem de sciencia declarou que o caso era grave, mas que todavia não perdia a esperança de conservar o braço. Ordenou que se transferisse immediatamente para casa de seus paes. Meu primo disse á mãe que podia vir buscar á minha casa caldos, vinho, linho velho, em summa tudo o que o doente precisasse. A mulher delle foi buscar uma das cobertas da cama, agazalhou a creança e disse ao medico que no dia seguinte iria ver o seu protegido.

Meu primo ia visitar o ferido quasi todos os dias: a cura foi muito demorada; todavia a creança conservou o braço. Quando se restabeleceu, veio com a mãe agradecer a meu primo, e a boa mulher disse-lhe:

— Nunca me esquecerei que foi o senhor que salvou a vida de meu filho!

Quando entrou a primavera, minha prima foi visitar a exposição de horticultura. Na volta disse-me que não comprehendia como eu podia viver sem flores, e perguntou-me si era difficil obtel-as.

— Pelo contrario, é muito facil, respondi eu; perto daqui ha um mercado de flores; demais disso o floricultor Bertrand tem uma estufa magnifica onde se encontram plantas de todas as qualidades.

Não disse uma nem duas. Não foi ao mercado, é certo, mas o jardineiro trouxe-lhe uma quantidade enorme de flores. Em pouco tempo a minha casa tornou-se mais alegre do que dantes, devo confessal-o. Seu marido louvou-lhe o bom gosto, e accrescentou que a presença de uma mulher era indispensavel para tornar a casa mais attrahente.

Minha prima recebia frequentemente senhoras francezas, que muitas vezes levavam, como presente de minha prima, ramos de myosotis ou um vaso de margaridas. A's vezes diziam que receiavam prival-a das suas flores; e a mulher de meu primo respondia sempre que a cidade de Gand é a cidade das flores e que lhe era extremamente facil obter outras.

Depois que meus parentes se hospedaram em minha casa, o meu cão escolheu o pequeno Octavio para amo: ao almoço e ao jantar sóbe para uma cadeira ao lado da creança e obtem o seu quinhão de todas as gulosinas que apparecem na mesa. Pena é que os meus rendimentos sejam tão escassos, e que eu tenha de preoccupar-me com todos estes pormenores!

Chega finalmente o dia em que os emigrados podem voltar para sua patria; meu primo faz os seus preparativos de viagem. Dous dias antes da partida, acompanho-o á cidade. Posso algumas acções de companhias e vou receber os dividendos. Ao sahir do escriptorio de uma companhia, meu primo leva-me á casa do ourives.

— Minha mulher, diz elle, recommendou-me muito que comprasse uma boceta de prata para tua creada; quer deixar-lhe essa lembrança em paga das massadas que lhe deu. Ah! tu julgas que ella não toma rapé, disse-me elle rindo maliciosamente; Octavio verificou isso logo no primeiro dia: Demais, qual a creada velha que não tem esse vicio?

Não tendo, porém, consigo sinão dinheiro miudo, pede-me algum emprestado. Guarda a boceta no bolso e leva-me directamente ao armazen em que está exposto o grupo tão cubiçado de *Ariana sobre a panthera*, e manda levar o objecto de arte á minha casa.

— Isto é uma lembrança para ti, diz elle.

Mas tenho de emprestar-lhe ainda a somma necessaria para pagar o grupo, porque elle quer absolutamente offerecer-m'o: não ha meio de o dissuadir.

Dous dias depois, os meus hospedes retiram-se. Não podem testemunhar-me a sua gratidão „ pela cordial hospitalidade que acharam em minha casa “ dizem elles com as lagrimas nos olhos.

De vez em quando enviam-me cartas muito affectuosas: conservam a melhor recordação da sua estada em Gand. Nunca porém se referem ao dinheiro que me pediram emprestado: será esquecimento ou impossibilidade de pagar? Não sei.



E' todavia inadmissivel que se sirva alguém do dinheiro de um amigo para lhe offercer um presente. Preferiria não possuir a *Ariana sobre a panthera* e lamento que a minha creada tivesse recebido de meu primo uma boceta de prata.

Estamos em Janeiro. Ante-hontem recebi a conta do aluguel dos carros, hontem a do florista, e hoje Deus do céu! uma conta que eu não esperava de duzentos e noventa

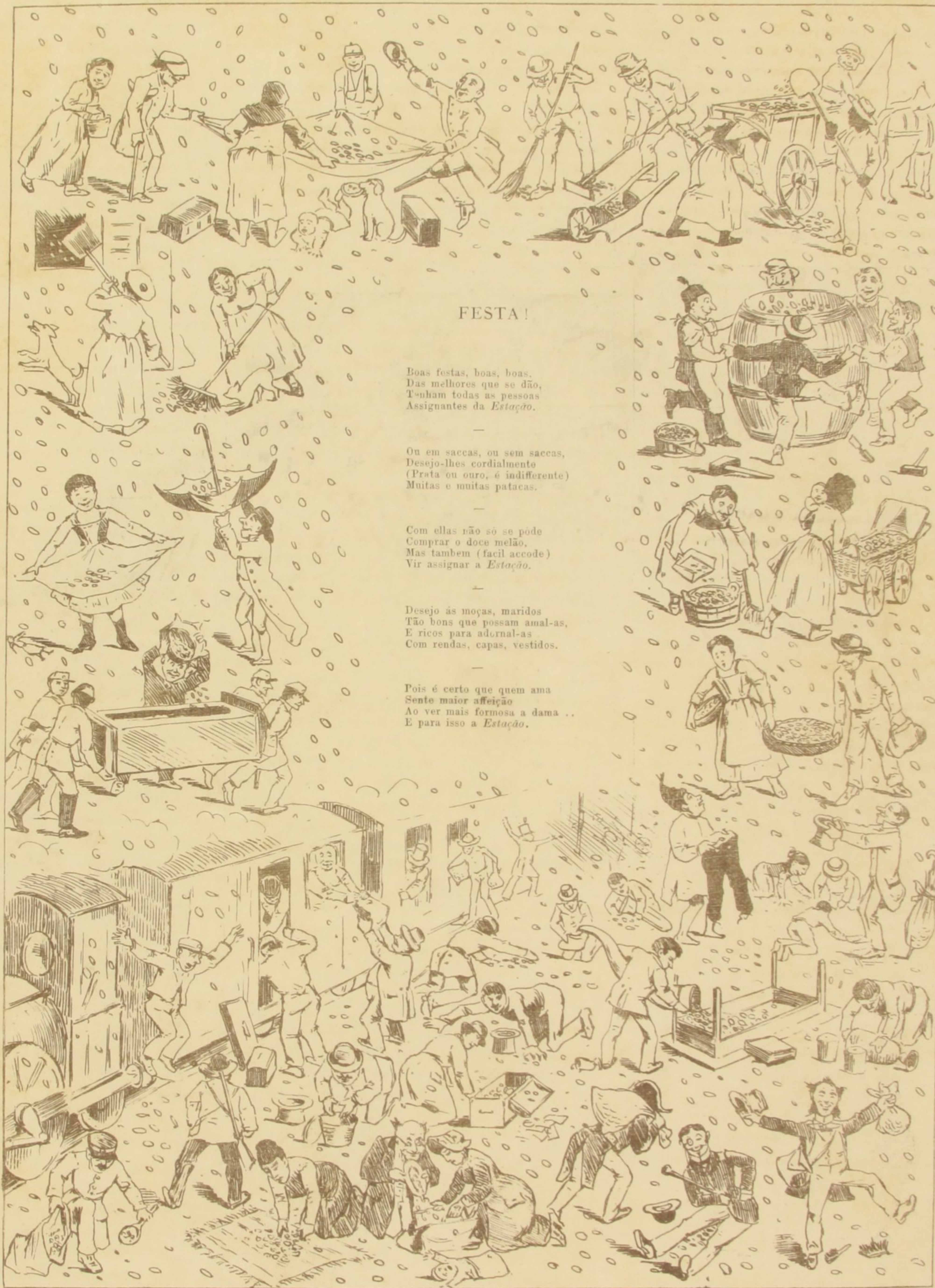
francos do cirurgião, pelas visitas feitas ao aprendiz que quebrára o braço em frente á minha porta.

Que hei de fazer: pagar essa conta ou deixar-me levar aos tribunaes? Decididamente é pena que os meus rendimentos sejam tão escassos, porque, quando se dá hospitalidade a um primo desta ordem e sua familia, é preciso ser tres vezes millionario.

ROSALIA LOVEL'NG.

THEATROS

Bem diz o velho rifão: cada coisa no seu lugar. Eu, por mais que me digam, não posso tomar a serio uma opera no Polytheama, barracão impossivel mesmo para uma companhia de cavallinhos de segunda ordem. O tenor P. rodi, que tanto me agradou na Guarda-Velha, já não me parece o mesmo no



FESTA!

Boas festas, boas, boas,  
Das melhores que se dão,  
Tenham todas as pessoas  
Assignantes da Estação.

Ou em saccas, ou sem saccas,  
Desejo-lhes cordialmente  
(Prata ou ouro, é indifferente)  
Muitas e muitas patacas.

Com ellas não só se póde  
Comprar o doce melão,  
Mas tambem (facil accode)  
Vir assignar a Estação.

Desejo ás moças, maridos  
Tão bons que possam amal-as,  
E ricos para adurnal-as  
Com rendas, capas, vestidos.

Pois é certo que quem ama  
Sente maior affeição  
Ao ver mais formosa a dama ...  
E para isso a Estação.

A CHUVA DE OURO—O QUE A ESTAÇÃO DESEJA PARA OS SEUS ASSIGNANTES.

Lavrado, e a prima-dona se me afigura mais insufficiente que qualquer das festejadas actrices-cantoras dos nossos theatros de operetta franco-brasileira.

No ambiente do Polytheama sóam ainda as ultimas gargalhadas de Franz Brown; ellas são incompativeis com as lagrimas de Ernani e outros heroes piegas do melodrama lyrico. Entre o — *Sancho, trae-me los arcos!* de Brown, e o — *Numi, pietá!* de Aida, a esthetica abriu um abysmo profundo e insondavel.

Quer isto dizer que as representações populares do *Trovador*, do *Ernani*, do *Baile de mascaras*, da *Aida*, no circo da rua do Lavradio, deixaram no meu espirito uma impressão bastante desagradavel.

O Recreio Dramatico poz afinal em scena as *Tres mulheres para um marido*. E' um mistiforio que está perfeitamente filiado á moderna escola de dramaturgia franceza, — a escola do *quiproquó*. Molière é um fossil. O *quiproquó*

lavrou ultimamente com tanta intensidade, que invadio a Comedia-Franceza. Felizmente esta peça, que não tem grandes pretensões, faz rir de principio a fim; está nisso, aliás, o grande merito das composições dessa ordem.

Ha um sobrinho cujo tio deseja a todo transe vel-o casado; ha outro sobrinho cujo tio o desherdará si o vir solteiro. O auctor — ou os auctores — Grénier Dancourt — creio que são dous — agarraram nesse par de tios e nesse par de sobrinhos, juntaram-lhes outros condimentos indispensaveis,



e fizeram de tudo isso uma verdadeira salada russa... com muito sal, felizmente.

O Sr. Castro, actor modesto e de algum merecimento, dá muita vida a um dos sobrinhos. O outro foi mal distribuido ao Sr. Lisboa, artista cujo temperamento é mais dramatico que comico. Os tios fazem o que podem nas pessoas dos Srs. Maia e Magioli. O bello sexo brilhou. Helena Cavalier, Dolores, Isolina, Elisa de Castro, Balbina e Livia só merecem elogios. Esta ultima esteve de um *entr'ain* que eu nunca lhe sorprendêra.

Boa encenação.

No Lucinda:

O *Crime de Pecç* como tratado de psychologia não vale nada; como peça de theatro poderia valer alguma cousa, si fosse realmente uma peça de theatro. Infelizmente não passa de um *canetas* incompleto. Ainda assim a Sra. Helena Balsemão e os Srs. Galvão e Muniz fizeram-se applaudir.

A empresa annuncia em ensaios tres dramas de cambu-lhada; parece-me que o Sr. Torres vai com muita sede ao pote...

Entre esses dramas figura um trabalho nacional: *As aças de Icaro*. — *Coira'-je mes yeux?*

As novidades da quinzena completam-se com a *reprise* do *Sino do eremiterio*, no Principe Imperial, e com a do *Barba Azul*, no Sant'Anna.

Nada ha que dizer, nem que registrar. Apenas, no Principe os estheristas (que ainda os ha) tomaram contas — com os pés — á Sra. Marion Andrée da inaudita audacia de representar e cantar um papel que foi creado pela defunta e gloriosa Esther de Carvalho.

Estes caixeiros!..

Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, os felizes auctores do *Mandarim*, concluem neste momento a revista do anno de 1884. A peça tem 4 actos e uma infinidade de quadros, é escripta em prosa e verso, e será representada em principios de Fevereiro pela companhia Braga Junior, de torna-viagem do Rio Grande do Sul.

O final do 2º acto representa o exercicio de fogo em Campo Grande; o do 3º, um dos pontos da estrada de ferro do Corevado.

Deito ponto final a estas indiscrições, dizendo que a revista se intitulará...

Não! não nos precipitemos...

X. Y. Z.

AVISO

Este numero é o ultimo das assignaturas que terminam com o corrente anno. Rogamos ás nossas Exmas. Assignantes, protectoras desta Empreza, cuja assignatura finda com elle a bondade de mandar reformal-a, caso já o não tenham feito, para não demorar na entrega do numero de 15 de Janeiro.

Com o proximo numero distribuiremos ás nossas assignantes um lindo calendario em chromolithographia, impresso em 12 cores nas nossas officinas, expressamente para as leitoras da *Estação*.

Rogamos aos nossos Assignantes recommendarem ás pessoas que encarregarem da reforma das suas assignaturas o maior cuidado quanto ao nome do jornal, porquanto muitas pessoas julgando ser a mesma cousa *La Saison* ou *A Estação*, tem dado logar a fazerem-se assignaturas para a edição em idioma francez do jornal quando se desejava a edição em portuguez. Cumpre portanto que, referindo-se a este jornal, diga-se sempre a *Estação* e sómente *La Saison* no caso de se desejar o texto francez do mesmo jornal.

Livros recommendados ás n. ssas leitoras

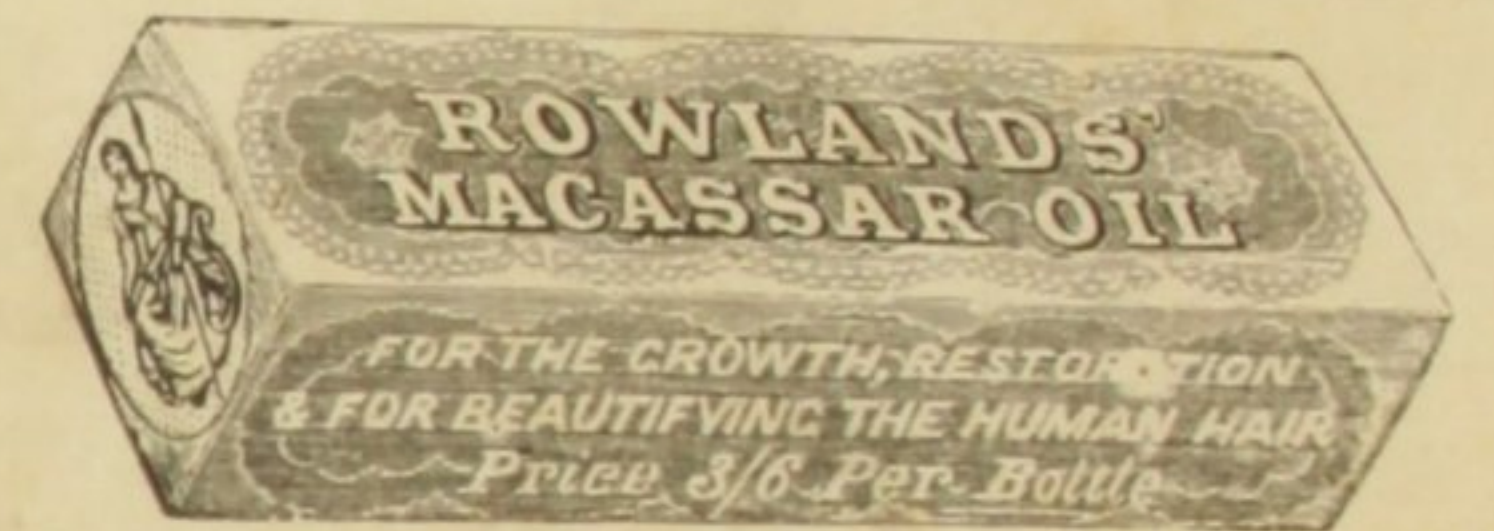
E QUE SE ACHAM A VENDA NA

Livraria LOMBAERTS & COMP. — Editores

*Trafado de trabalhos de agulha.* Explicação minuciosa de todos os trabalhos de mão, acompanhado de 400 desenhos que claramente mostram a execução de todos os pontos. — Preço \$5000.

*Trafado de costura* por Mme. A. Aubé. Exposição completa de levantamento dos moldes, corte e costura da fazenda e enfeites de todas as peças de roupa, illustrada com 209 gravuras. Obra indispensavel ás assignantes da *Estação*. — Preço \$3000.

Fóra da corte cada obra acima cu ta mais 200 rs. para ser recebida franca de porte.



ROWLANDS' MACASSAR OIL

Conhecido ha mais de 84 annos como melhor e seguro preservador do cabello. Elle não contem nem chumbo, ni mineral nem ingredientes venenosos ou e pirituosos e é especialmente proprio para cabellos de crianças. Também encontra-se este p. oducto cor de ouro, especialmente para os cabellos loiros de senhoras e crianças.

ROWLANDS' KALYDOR

Embeleza a tez e destroe toda especie de defeitos da pelle, é a loção mais refrescante para o rosto e as mãos durante a estação calmosa, e faz deapparcer as manchas, queimadura do sol, picada de insecto, etc.

ROWLANDS' ODONTO

branqueia e conserva os dentes tornando-os alvos como perolas, fortifica as gengivas e perfuma o halito.

ROWLANDS EUKONIA

É um pó para toilette puro e perfumado. Cada boceta contem um atestado do pureza pelo Dr. Redwood, Ph. D., F. C. S. etc. Vende-se de tres cores, branco, rosa e creme.

Procure-se em todas as perfumarias os productos de Rowland's, na Hatton Garden, Londres e de-confie-se das imitações falsas e sem valor.

Se ha uma doença terrivel, e cujo nome horrorisa á todo o mundo, é a **EPILEPSIA**. Ora, no estado actual da sciencia, qual a medicação que convem melhor para combater esta terrivel neurose? Não hesitamos em afirmar que a unica verdadeira medicação seria, a unica que obtem resultados, é constituída pelas

Grageas Antinervosas

do Dr GÉLINEAU e de J. MOUSNIER

Certamente não temos a ridicula pretensão de curar todos os epilepticos sem nenhuma excepção, porém estamos certos de que todos aquelles, que bem aconselhados, se submeterem durante seis mezes a este tratamento **escrupulosamente e lealmente**, obedecendo alem disso ás prescripções hygienicas indicadas, verão **desapparecer suas crises epilepticas, quér sejam hereditarias, quér datem de sua infancia.**

As Grageas Antinervosas

do Dr GÉLINEAU

SE ACHAM EM TODAS AS PHARMACIAS

Advertisement for Corylopsis do Japão. Text includes 'L. T. PIVER em PARIS', 'NOVA PERFUMARIA Extra-fina', and 'CORRYLOPSIS DO JAPÃO'. It lists various types of Corylopsis (SABÃO, EXTRACTO, ACQUA, VINAGRE) and their uses for different skin conditions.

Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE

Compsto do Mosteiro

PELOS DE

RR. TP. Trapeiros

Port-Cu-Salut

Menção Honrosa

Deposito Geral:

na EXPOSIÇÃO

PA' 13

Internacio. l

R. des Lions-St-Paul

PARIS 1878

Nº 2



Os principios reconstituintes da **Semolina** são obtidos a partir do mesmo tipo de porção cortical dos melhores cereaes, e dos saes naturaes do leite de vacca não tendo soffido alteração alguma.

Creeu-se aparelhos especiaes muito aperfeiçoados, tanto para evaporar o soro do leite e mistural-o com a farinha, como tambem para dar a esta mistura a forma de grãos que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é recebido pelas samitades med'cas ás pessoas fracas, aos Convalescentes, ás Crianças, ás Amas de leite, ás pessoas que tem o estomago cansado, o Peito debilitado e a todas aquelles de con tituições delicadas, com a certeza de dar-ches um remedio effcaz.

Advertisement for Xarope de Iodureto de Ferro. Text includes 'XAROPE de IODURETO de FERRO', 'INALTERAVEL', 'BLANCARD', and 'Como é feliz de poderes tomar do bom Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard, em lugar das Pílulas que não podias engulir!'. It also mentions 'O Xarope de Iodureto de Ferro de Blancard possui as mesmas propriedades das Pílulas' and 'É especialmente preparado para as Crianças e Pessoas que têm difficuldade em tomar medicamentos sob a forma de pílulas.' and 'DEVE-SE EXIGIR A ASSIGATURA BLANCARD'.

Advertisement for GOTTAS CONCENTRADAS. Text includes 'EXPOSITION UNIV' 1878', 'Médaille d'Or', 'G. O'X de Chevalier', 'LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES', 'Gottas Concentradas', 'E. COUDRAY', 'PERFUMES DA MODA PARA LENÇO', 'Estes Perfumes, reduzidos n'um pequeno volume, são muito mais duradouros e mais suaves no lenço que todos os outros extractos de cheiros conhecidos até agora.', 'Artigos Recommendados: PERFUMARIA de LACTEINA', 'Recommendada pelas Celebridades M.d.cas.', 'AGUA DIVINA, dita Agua de Saude.', 'OLEOCOME, para a Belleza dos Cabellos.', 'ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA', 'PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS', 'Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleiros da America.'